

Explosão de cores e afetos em *AvóDezanove e o segredo do soviético*, de Ondjaki

Roberta Guimarães Franco
(Universidade Federal Fluminense)

- *Estórias de antigamente é assim que já foram há muito tempo?*
 - *Sim, filho.*
 - *Então antigamente é um tempo, Avó?*
 - *Antigamente é um lugar.*
 - *Um lugar assim longe?*
 - *Um lugar assim dentro.*
- (ONDAJKI, 2008, p. 198)

Em 2008, o escritor angolano Ondjaki retomou a temática da infância em mais um livro no qual autobiografia, história e ficção contribuem para a construção do romance. Depois de *Bom dia camaradas* (romance, 2000) e *Os da minha rua* (contos, 2007), o autor publicou *Avódezanove e o segredo do Soviético* (romance, 2008), trazendo de volta a voz narrativa de um menino na capital de Angola ocupada por soviéticos.

Assim como em *O Assobiador* (2002), encontramos nesta última obra imagens oníricas, pinturas que descrevem o espaço da infância, que em nada se assemelham a uma cidade em guerra, característica das narrativas de Ondjaki, que, mesmo situadas no período de guerra civil, dão ênfase aos afetos e não aos conflitos. Nesse sentido, os cenários, ou melhor, as paisagens são construídas pelo narrador infantil como telas, repletas de cores, sentimentos e sensibilidades:

Era cedo mesmo, o sol já tinha nascido mas ainda se podia olhar aquele amarelo bruto e forte que não se pode afinal olhar. Eu gosto muito mais do amarelo-torrado que aparece ao fim da tarde, mas não nos últimos minutinhos antes de o sol mergulhar, aí é já amarelo a fugir para o laranja quase encarnado. É antes disso. O amarelo-torrado é uma cor que aparece muito rapidamente e que não se pode demorar muito para se entender que já aconteceu. Mas há um segredo: o amarelo-torrado, às vezes, também aparece nos meus sonhos. (ONDAJKI, 2008, p. 35)

AvóDeznove e o segredo do Soviético tem como referencial histórico, o pano de fundo para a narrativa, a construção, iniciada na década de 80, de um mausoléu para abrigar os restos mortais do presidente responsável pela independência, Agostinho Neto. A obra, que

permaneceu por mais de duas décadas inacabada, causou muitas discussões no país, principalmente pelo dinheiro investido na construção, chamada também, ironicamente, de foguetão. No livro, a questão da duração da obra é tratada de forma indireta, como podemos ver na citação abaixo em que o narrador fala da conservação do corpo do presidente durante “estes anos todos”:



Do outro lado da bomba, estavam as gigantescas obras do Mausoléu, um lugar que andavam a construir para guardar o corpo do camarada presidente Agostinho Neto, que andava estes anos todos bem embalsamado por uns soviéticos craques nessa arte de manter uma pessoa ainda com bom aspecto de se olhar. (ONDJAKI, 2008, p. 11)

É nos arredores do mausoléu que encontramos as personagens de Ondjaki, a família do menino narrador, principalmente suas avós Agnette e Catarina, seus amigos, Charlita e Pi, o maluco EspumaDoMar, o médico cubano Rafael, entre outros. Algumas dessas personagens já habitaram outras narrativas do autor, como *Bom dia camarada* e *Os da minha rua*, além de serem inspirações reais, referências assumidamente autobiográficas, que ganharam contornos ficcionais. Aqui, como em outras obras, a memória da infância será um rico material para divertidas histórias, pois o humor está presente em toda parte, fazendo, em alguns momentos, o leitor gargalhar diante das páginas do romance.

As aventuras do menino narrador e de seu amigo Pi são as grandes responsáveis por estes momentos, assim como os apelidos que os meninos dão ao soviético Bilhardov, constantemente chamado de Sovacov pelo seu mal cheiro, e ainda as brincadeiras com o sotaque dos soviéticos, que falavam um péssimo português: “– Minines, tudo na brincadeira? Fica olhar maravilhe de obra da Masuléu? Que bonite, parece foguetón, que bonite!” (ONDJAKI, 2008, p. 117). No entanto, o que realmente chama a atenção é a forma como o autor transforma momentos difíceis em gostosas risadas, como a explicação do apelido da AvóAgnette, a AvóDezanove do título do livro, que passou a ser chamada assim depois de perder um dedo do pé (dedo que ganhou festa de despedida), ficando com dezanove dedos:

- Agora já não vais ser a minha mãezinha.
- Como assim?
- Amanhã vais ser a minha dezanovinha, mãe. Só vais ter dezanove dedos.

Desataram as duas a rir numa alegria assim que eu fiquei espantado, como dizia o EspumaDoMar, “as palavras têm encanto de magia e forças do invisível”, é verdade, essa dica de “dezanovinha” não só fez a AvóNhé rir mais uma vez como mudou o nome dela para o resto da vida.

Foi na PraiaDoBispo, a partir daquela noite, que a AvóAgnette passou a ser AvóDezanove. (ONDJAKI, 2008, p. 76)

São passagens como esta, em que os problemas são tratados de forma leve e engraçada, que marcam as obras de Ondjaki protagonizadas e narradas por uma criança. Obras que, apesar de contextualizadas no período de guerra de civil e de mostrarem problemas como a falta de água, por exemplo, privilegiam os momentos felizes, de carinhos compartilhados, de otimismo perante qualquer problema. Nesse sentido, também se faz importante a presença do “maluco” EspumaDoMar (citado no trecho acima). Mistura de mendigo, andarilho, louco e profeta, EspumaDoMar está sempre presente, atento aos acontecimentos que giram em torno da construção do mausoléu, principalmente, os que podem trazer problemas à região. Sua figura causa, na população local, curiosidade e medo, mas o menino narrador sempre mostra simpatia pelo louco, reconhecendo nele um sábio que, ao final da narrativa, salvará os pássaros mantidos em cativeiro no mausoléu:

(...) a mancha que corria era um desenho maluco que em quem inventou os desenhos da Pantera Cor-de-Rosa podia ter feito de tão bonito, a mancha escura de um corpo com a luz verde a largar fumo da mão, mil cordas presas nesse corpo que corria tipo cem metros barreiras, mil cordas com pássaros presos, sete ou oito gaiolas atadas à cintura a saltarem como balões leves, pássaros presos nos tornozelos a gritarem de não quererem aquela boleia forçada de saltitar com velocidade sobre a água e a espuma branca do mar escuro (...) essa mancha era o corpo do EspumaDoMar a rir de vir tão rápido pela praia com animais pendurados no corpo dele a desconseguir de levantar um voo voado. (ONDJAKI, 2008, p. 172)

Outra personagem repleta de mistérios é a AvóCatarina, que aparece e desaparece, sempre presa ao espaço da casa. Personagem sábia, apesar de não ter muitas falas, possui uma relação afetuosa com o narrador, com quem tem conversas curtas, mas sempre cheias de ensinamentos. O mistério em torno da personagem começa a ser percebido no meio do livro, quando o narrador não entende porque algumas pessoas não acreditam que a AvóCatarina esteja na casa. Nada é dito de forma direta, mas depois de uma visita ao cemitério com a AvóAgnette e de saber que há mais alguém enterrado no mesmo túmulo do avô, ao voltar para casa, o menino não encontra mais a AvóCatarina. A passagem se dá de forma tranquila, poética.

Apesar de todas essas personagens adultas, são as crianças que dominam boa parte da narrativa. Seguindo um ideal de coletividade, presente em toda a sua obra, Ondjaki mostra a união das crianças da PraiaDoBispo que, diante da possibilidade de destruição do espaço da infância, espaço de brincadeiras e afetos, decidem interferir no plano dos soviéticos. Tal plano, que consistiria em explodir a PraiaDoBispo para dar

continuidade à construção do mausoléu, permeia todo o romance, seja como suspeita, notícias de jornal ou mujimbos, as fofocas que corriam entre a população local. O fato é que o leitor permanece, um bom tempo, sem saber se os planos são reais ou somente fruto da imaginação dos habitantes da Praia. Mas o que chama a atenção são todas as táticas, até mesmo de guerrilha, pensadas pelo narrador e seus amigos Pi e Charlita para impedir tal explosão.

É principalmente neste ponto que a ficção domina o referencial histórico. As crianças espalham dinamites pela obra e planejam a explosão do mausoléu, o que acabaria com as intenções de destruir a Praia. É com esta explosão que o romance é iniciado, uma explosão que de fato nunca aconteceu, que não faz parte da História. Ao final do texto, a cena será retomada, tão cheia de cores como nas passagens iniciais, uma explosão que mais se parece com fogos de artifício:

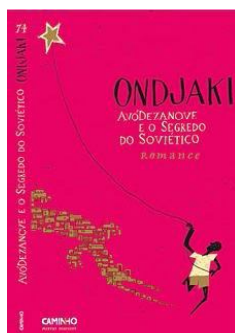
Uma grande explosão acordou outros pássaros nas árvores e os peixes no mar – vimos cores de um carnaval de fogo, amarelos, vermelhos a fingir que sabiam ser cor das laranjas num verde azulado sem ser marinho, todos brilhos a imitar estrelas que sabiam dançar no céu já nem escuro de tão iluminado com aquela nossa explosão bonita de ser demorada nos ruídos e nas cores lindas que os nossos olhos olharam para nunca mais ninguém esquecer passado algum tempo – ou a vida toda. (ONDAJKI, 2008, p. 174)

Após acompanhar todas as tentativas de sabotagem das obras para salvar a PraiaDoBispo, a pergunta ainda permanece: afinal, qual era o segredo do soviético Bilhardov anunciado no título do romance e que buscamos durante a leitura? A respeito de tal homem, só sabemos que ele nutre um sentimento pela AvóDezanove e que desaparecerá ao final da narrativa, logo após deixar uma carta (na verdade, várias) para a avó do narrador. No entanto, o menino, com ciúmes da avó, destruirá o bilhete, mas logo depois descobrirá a existência de outro, que também será destruído. A surpresa fica por conta do reaparecimento do texto (que não sabemos se é igual àqueles destruídos pelo menino) logo após do que seria o fim do livro, nesta carta o Soviético explicará como se deu a explosão do mausoléu:

Grupe aproveite essa explosón da Masuléu para apanhar avión para fora. Se camarada general sabe, grupe todo vai prese, Anton organiza este explosón da Masuléu. Bilhardov, vosse amigo, nunca quis participe na plano de explosón de casa de praia da Bispo. Ordes de general é que tinha, para conclusón da obra. (ONDJAKI, 2008, p. 185)

Neste romance de explosões, o que menos interessa são as explosões da guerra ou a do mausoléu. As estratégias infantis na tentativa de explodir a construção lembram o tempo dos conflitos civis, mas principalmente realçam o tempo da infância. Assim, o antigamente, que

habita a memória de Ondjaki, brota como um fruto de esperança. As cores, os sons, cheiros e sentimentos explodem nas páginas do romance, destacando o significado daquilo que realmente importa, os momentos felizes de uma infância bem vivida.



ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. Lisboa: Caminho, 2008.

(Recebido para publicação em 27/05/2010,
Aprovado em 22/06/2010)